Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Patrícia Raquel Antunes Pimenta

Impacto emocional e comportamental dos maus-tratos em crianças e adolescentes: uma revisão sistemática de literatura

Setembro 2025

Impacto emocional e comportamental dos maus-tratos em crianças e adolescentes: uma revisão sistemática de literatura

Patrícia Raquel Antunes Pimenta

UMinho | 2025

Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Patrícia Raquel Antunes Pimenta

Impacto emocional e comportamental dos maus-tratos em crianças e adolescentes: uma revisão sistemática de literatura

Projeto de Mestrado
Mestrado em Temas de Psicologia da Educação

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor João Arménio Lamego Lopes

Setembro 2025

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atribuição- NãoComercial-SemDerivações

CC BY-NC-ND
https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, ao Professor Doutor João Arménio Lamego Lopes, pela orientação, dedicação e generosa partilha ao longo da realização deste trabalho.

À minha família, expresso o meu eterno agradecimento pelo amor incondicional, pelo apoio constante e por acreditarem sempre em mim e nos meus sonhos. A força e os valores que me transmitiram foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

Aos meus amigos, pelo companheirismo, compreensão e amizade. Obrigada por tornarem esta jornada mais leve, alegre e cheia de momentos inesquecíveis.

Ao meu namorado, por todo o amor e apoio. A tua presença foi refúgio nas horas de cansaço e a motivação necessária para nunca desistir.

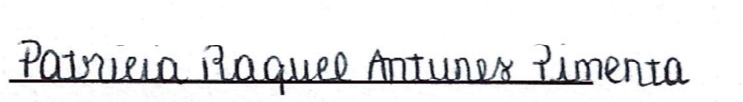
A todos os que, de alguma forma, contribuíram para que este trabalho fosse possível, seja com palavras ou gestos de carinho, deixo o meu sincero agradecimento.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Assinatura



Impacto emocional e comportamental dos maus-tratos em crianças e adolescentes: uma revisão sistemática de literatura

Resumo

O presente projeto tem como principal objetivo analisar as consequências emocionais e comportamentais dos maus-tratos infantis e identificar as variáveis que influenciam a sua expressão, nomeadamente o tipo de abuso, o género, a idade e o contexto de ocorrência.

Com base nas diretrizes PRISMA 2020, foi realizada uma revisão sistemática da literatura publicada entre 2010 e 2024 nas bases de dados Scopus e Web of Science, da qual resultaram 20 estudos empíricos que cumpriram os critérios metodológicos definidos.

Os resultados evidenciam que os maus-tratos exercem um impacto profundo no desenvolvimento emocional e comportamental das crianças, manifestando-se sobretudo através de sintomas de ansiedade, depressão, isolamento social, baixa autoestima, agressividade e impulsividade. Verificou-se que o abuso emocional e a negligência são as formas mais frequentes e associadas a consequências mais duradouras. As diferenças de género indicam que as raparigas tendem a apresentar respostas internalizantes, enquanto os rapazes manifestam, com maior frequência, comportamentos externalizantes.

Os resultados reforçam a importância de uma abordagem integrada e sensível ao contexto familiar, escolar e comunitário, bem como a necessidade de intervenções psicoterapêuticas e preventivas ajustadas à especificidade de cada criança. Destaca-se ainda a urgência de estudos longitudinais que permitam compreender melhor as trajetórias de vulnerabilidade e resiliência associadas aos maus-tratos.

Palavras-chave: maus-tratos infantis; impacto emocional; comportamento; género; resiliência; revisão sistemática.

Emotional and Behavioral Impact of Child Maltreatment in Children and Adolescents: A Systematic Literature Review

Abstract

This project aims to analyze the emotional and behavioral consequences of child maltreatment and to identify the variables that influence their expression, namely the type of abuse, gender, age, and contextual factors.

Following the PRISMA 2020 guidelines, a systematic review of the literature published between 2010 and 2024 was conducted using the Scopus and Web of Science databases, resulting in 20 empirical studies that met the defined methodological criteria.

The findings highlight that maltreatment has a profound impact on children's emotional and behavioral development, most frequently manifesting as anxiety, depression, social withdrawal, low self-esteem, aggression, and impulsivity. Emotional abuse and neglect emerged as the most common and long-lasting forms of maltreatment. Gender differences were observed, with girls tending to display more internalizing symptoms, while boys exhibited more externalizing behaviors.

The results emphasize the importance of an integrated and context-sensitive approach involving family, school, and community settings, as well as the need for preventive and therapeutic interventions tailored to each child's specific profile. Moreover, the review underscores the necessity for longitudinal studies to better understand the trajectories of vulnerability and resilience associated with child maltreatment.

Keywords: child maltreatment; emotional impact; behavior; gender; resilience; systematic review.

Introdução

Os maus-tratos infantis constituem uma das formas mais severas e persistentes de adversidade a que uma criança pode estar exposta, afetando de maneira profunda e duradoura o seu desenvolvimento emocional, psicológico, social e comportamental (Gilbert et al., 2009; Norman et al., 2012). Esta problemática, de natureza multifacetada e elevado grau de complexidade, abrange diversas formas de violência, nomeadamente o abuso físico, sexual, emocional e a negligência, refletindo dinâmicas de vulnerabilidade, desproteção e desigualdade que transcendem contextos culturais, sociais e institucionais (Stoltenborgh et al., 2015; Rosenthal & Ben-Arieh, 2022).

De acordo com a definição da Organização Mundial da Saúde (OMS), os maus-tratos referem-se a qualquer ação ou omissão que cause, ou seja suscetível de causar, danos reais ou potenciais à saúde, ao desenvolvimento, à sobrevivência ou à dignidade da criança, o que configura uma violação dos seus direitos fundamentais (WHO, 2020).

A exposição a maus-tratos na infância tende a manifestar-se de forma prolongada, muitas vezes silenciosa e invisível aos olhares menos atentos, o que agrava sobremaneira as suas consequências (Van der Kolk, 2014). A literatura científica tem vindo a demonstrar, de forma consistente, que as experiências adversas precoces comprometem significativamente o bem-estar global da criança, aumentando a probabilidade de desenvolvimento de perturbações emocionais — como ansiedade, depressão, sentimentos de culpa e baixa autoestima —, bem como de comportamentos externalizantes, tais como agressividade, oposição, impulsividade, dificuldades na regulação emocional e envolvimento em condutas de risco (Afifi et al., 2017; Jaffee, 2017; Cheng & Langevin, 2022; Clemens et al., 2025; Malthaner et al., 2024).

Estudos longitudinais evidenciam que a vivência de maus-tratos na infância está associada a trajetórias persistentes de dificuldades comportamentais e emocionais (Ahlgren et al., 2021; Clemens et al., 2025), sendo estas influenciadas não só pela gravidade e frequência dos maus-tratos, mas também pela ocorrência de múltiplas formas de vitimação (Malthaner et al., 2024). A investigação recente também tem destacado o papel mediador do contexto de vizinhança e da exposição a violência doméstica no desenvolvimento de dificuldades comportamentais em crianças maltratadas (Pei et al., 2022; Ortiz-Jiménez et al., 2024).

Os impactos dos maus-tratos não se distribuem de forma homogénea, sendo modulados por diversos fatores, entre os quais se destacam o tipo e a gravidade do abuso experienciado, a faixa etária da criança no momento da ocorrência, o seu género e o contexto em que se insere (familiar,

escolar ou institucional) (Briere & Jordan, 2009; McCrory et al., 2010; Ahlgren et al., 2021). De acordo com a evidência empírica, os rapazes tendem a expressar o sofrimento emocional por meio de comportamentos mais disruptivos e agressivos, ao passo que as raparigas apresentam com maior frequência sintomatologia internalizante, incluindo isolamento social, perturbações ansiosas e estados depressivos (Leadbeater et al., 1999; Zahn-Waxler et al., 2008; Cheng & Langevin, 2022).

Adicionalmente, quanto mais precoce for a exposição aos maus-tratos, maior tende a ser o comprometimento do desenvolvimento neuropsicológico, afetando competências cognitivas, mecanismos de regulação emocional, capacidades de vinculação e construção de um autoconceito saudável (Teicher & Samson, 2016; McLaughlin et al., 2014; Jablonka et al., 2022). O contexto em que a criança vive — nomeadamente a presença ou ausência de suporte familiar, escolar e comunitário — poderá funcionar como fator de risco ou de proteção, influenciando o grau de resiliência face à adversidade vivida (Masten & Barnes, 2018; Ortiz-Jiménez et al., 2024).

A investigação também tem evidenciado a importância da avaliação e intervenção psicoterapêutica especializada, nomeadamente com abordagens baseadas na terapia cognitivo-comportamental, com eficácia comprovada em crianças e jovens vítimas de maus-tratos (Wiseman et al., 2021; Cox et al., 2025).

O Presente estudo

A presente investigação tem como objetivo geral analisar as consequências emocionais e comportamentais dos maus-tratos na infância, e variáveis que podem influenciar a magnitude e a natureza dessas consequências. Através de uma revisão sistemática da literatura internacional publicada entre 2010 e 2024, pretende-se reunir evidência empírica robusta sobre os efeitos dos maus-tratos em função do género da criança, das faixas etárias abrangidas pelos estudos e dos contextos em que os mesmos se verificam (Manly, 2005; Danese & McLaughlin, 2020). Esta abordagem potencia a identificação de padrões recorrentes, fatores de risco e mecanismos de mediação relevantes, contribuindo para um conhecimento mais aprofundado e contextualizado do fenómeno (Perry & Szalavitz, 2017; Cicchetti & Toth, 2016).

Método e Materiais

A presente revisão sistemática foi conduzida em conformidade com as diretrizes do PRISMA 2020 (Page et al., 2021), assegurando, assim, elevados padrões de rigor, transparência e fiabilidade em todas as etapas do processo de investigação. Esta abordagem metodológica visou garantir a replicabilidade e a consistência da seleção, análise e síntese dos estudos incluídos.

Estratégia de Pesquisa e Fontes de Informação

Numa fase preliminar, foi realizada uma pesquisa exploratória com o intuito de identificar as palavras-chave mais prevalentes na literatura científica relativa aos maus-tratos infantis, nomeadamente no que concerne às suas consequências emocionais e comportamentais. Com base nesta análise inicial, elaborou-se uma equação de pesquisa exaustiva, que contemplou a combinação dos seguintes termos: “child maltreatment” OR “child abuse” OR “neglect” AND “emotional impact” OR “behavioral consequences” AND “gender” OR “context”.

A equação formulada foi posteriormente aplicada nas bases de dados Scopus e Web of Science, selecionadas em virtude da sua reconhecida fiabilidade, abrangência multidisciplinar e rigor na indexação dos conteúdos. A opção por estas fontes visou otimizar a exaustividade e relevância da pesquisa documental, garantindo simultaneamente a inclusão de estudos com elevados padrões de qualidade científica.

Tabela 1. *Pesquisa e Processo de Seleção de Dados*

Base de Dados	Termos de Pesquisa	Operadores	Filtros Aplicados
Scopus	(“child maltreatment” OR “child abuse” OR “neglect”) AND (“emotional impact” OR “behavioral consequences”) AND (“gender” OR “context”)	OR, AND	Estudos publicados entre Janeiro 2010 – Abril 2024 Idiomas: português, espanhol, inglês

Web of Science	(“child maltreatment” OR “child abuse” OR “neglect”) AND (“emotional impact” OR “behavioral consequences”) AND (“gender” OR “context”)	OR, AND	Estudos publicados entre Janeiro 2010 – Abril 2024 Idiomas: português, espanhol, inglês

A gestão de todas as referências bibliográficas, bem como o processo de triagem e seleção dos estudos, foi realizada através da plataforma digital Rayyan (Ouzzani et al., 2016), a qual permite a realização de uma triagem mais rigorosa. Esta funcionalidade contribuiu significativamente para a minimização de enviesamentos inconscientes, promovendo maior objetividade, coerência e transparência ao longo de todo o processo de seleção.

Critérios de Elegibilidade

Critérios de Inclusão e Exclusão

A definição dos critérios de inclusão e exclusão para a presente revisão baseou-se numa análise detalhada dos elementos fundamentais dos estudos, nomeadamente as características da população, os conceitos investigados e os contextos de ocorrência. Esta abordagem permitiu uma delimitação rigorosa dos estudos selecionados, garantindo a sua relevância em relação aos objetivos definidos para a investigação. São considerados, assim, estudos que abordem crianças com idade inferior a 15 anos, vítimas de maus-tratos, com ênfase nas suas consequências emocionais e/ou comportamentais em contextos familiares, escolares e/ou institucionais.

Os critérios de inclusão estabelecidos foram os seguintes: (i) publicações datadas entre janeiro de 2010 e abril de 2024; (ii) estudos redigidos em português, espanhol ou inglês; (iii) estudos de natureza empírica, com abordagem qualitativa, quantitativa ou mista, que analisassem de forma direta as repercussões emocionais e/ou comportamentais dos maus-tratos em crianças; e (iv) estudos que contemplassem, de forma explícita, uma ou mais variáveis consideradas relevantes para a presente revisão, de entre os quais o tipo de abuso, o género da vítima, a idade à data da ocorrência dos maus-tratos e o contexto em que os mesmos se verificaram.

Em contrapartida, foram definidos os seguintes critérios de exclusão: (i) artigos cujo foco principal incidisse sobre uma abordagem estritamente médica, legal ou criminal, sem qualquer

aprofundamento sobre as implicações emocionais e comportamentais nos menores vítimas de maus-tratos; (ii) estudos de natureza teórica, tais como revisões sistemáticas, meta-análises, dissertações académicas, livros, capítulos de livros ou relatórios técnicos; e (iii) estudos indisponíveis em texto integral ou que, embora abordassem a temática, não apresentassem dados empíricos relevantes que permitissem responder de forma adequada aos objetivos previamente definidos para esta revisão.

Processo de Seleção e Extração de Dados

A seleção dos estudos foi conduzida em três fases sequenciais: leitura dos títulos, leitura dos resumos e leitura integral dos textos completos. Sempre que subsistissem dúvidas quanto à relevância de um determinado estudo com base na leitura preliminar, este era automaticamente encaminhado para leitura integral, de modo a assegurar que nenhum artigo potencialmente pertinente fosse indevidamente excluído.

A fase inicial de identificação resultou na obtenção de 42 artigos científicos provenientes das bases de dados Scopus (n = 20) e Web of Science (n = 22). Antes de se iniciar a triagem formal, foram excluídos seis artigos por não cumprirem os critérios metodológicos previamente definidos: quatro correspondentes a revisões sistemáticas ou meta-análises, e dois de natureza exclusivamente teórica, sem dados empíricos suscetíveis de análise. Não se identificaram duplicados entre os artigos inicialmente obtidos.

Na fase de triagem, procedeu-se à leitura dos títulos e resumos dos 36 artigos remanescentes, tendo sido excluídos sete por não incidirem especificamente sobre as consequências emocionais e/ou comportamentais dos maus-tratos na infância. Alguns estudos abordavam temáticas relacionadas com a prevalência, fatores de risco ou enquadramentos contextuais dos maus-tratos, sem explorarem diretamente os impactos psicossociais sobre a criança. Outros não delimitavam claramente a população infantil, ou não apresentavam um foco explícito em crianças vítimas de maus-tratos.

A fase de elegibilidade, implicou a análise integral de 29 artigos, com o objetivo de verificar a sua conformidade com o critério central da presente revisão: a análise empírica das consequências emocionais e/ou comportamentais dos maus-tratos em crianças com menos de 15 anos. Esta etapa revelou-se decisiva para a exclusão de nove estudos: sete estudos que, embora abordassem maus-tratos infantis, apresentavam amostras compostas predominantemente por adolescentes

com 15 anos ou mais, ou intervalos etários muito amplos, sem segmentação dos resultados por grupos etários. Em alguns casos, a informação sobre a faixa etária da amostra era ambígua ou inexistente, o que também comprometeu a sua inclusão fundamentada. Os dois restantes estudos encontravam-se fora do intervalo temporal estabelecido para esta revisão (janeiro de 2010 a abril de 2024), o que motivou a sua exclusão com base no critério cronológico. Tais ausências inviabilizavam uma análise rigorosa e fidedigna dos efeitos dos maus-tratos em crianças mais novas, conforme definido nos objetivos da presente investigação.

Assim, foram incluídos na análise final 20 estudos que respeitavam, na íntegra, os critérios metodológicos e temáticos definidos. Estes estudos forneceram contributos relevantes para a compreensão das consequências emocionais (como ansiedade, depressão, isolamento social) e comportamentais (tais como agressividade, impulsividade e comportamentos de risco) dos maus-tratos físicos, sexuais, emocionais ou por negligência em crianças com menos de 15 anos, considerando ainda variáveis diferenciadoras como o género, a idade e o contexto de ocorrência (familiar, escolar ou institucional).

A extração da informação foi realizada com recurso a uma grelha de análise desenvolvida para o efeito, na qual foram sistematizados dados relativos ao autor e ano de publicação, tipo de maus-tratos estudados, características da amostra e principais consequências identificadas ao nível emocional e comportamental. As categorias de análise foram definidas, com base nos objetivos da revisão e no enquadramento teórico previamente estabelecido, assegurando a organização estruturada e comparável dos dados. A codificação dos dados foi realizada de forma a assegurar a consistência analítica, através da aplicação rigorosa e uniforme da grelha, complementada por sucessivas revisões cruzadas dos dados recolhidos. Ainda assim, reconhece-se como limitação metodológica a inexistência de dupla codificação independente, circunstância que poderá ter implicações na fiabilidade e imparcialidade da análise. Esta limitação será considerada como ponto de aprimoramento em investigações futuras, com vista a reforçar a validade interna do processo analítico.

Avaliação da Qualidade Metodológica

A qualidade metodológica dos estudos incluídos foi avaliada com recurso à ferramenta Mixed Methods Appraisal Tool (MMAT), versão 2018 (Hong et al., 2018). Esta ferramenta, amplamente reconhecida pela sua aplicabilidade em revisões sistemáticas, permite a avaliação crítica de estudos quantitativos, qualitativos e de métodos mistos, com base em critérios como a clareza dos objetivos de investigação, a adequação da abordagem metodológica, o rigor na seleção da amostra, os procedimentos de recolha e análise de dados, e a coerência na apresentação dos resultados. Ainda que nenhum estudo tenha sido excluído com base na sua pontuação na MMAT, a avaliação metodológica foi essencial para orientar a interpretação crítica dos resultados e ponderar a robustez das evidências apresentadas. As pontuações obtidas foram classificadas em três categorias: ≤50% (baixa qualidade), de 51 a 75% (qualidade moderada) e de 76 a 100% (alta qualidade).

Embora a presente revisão sistemática não tenha sido previamente registada em plataformas como o PROSPERO, reconhece-se que tal prática constitui uma mais-valia para a transparência, replicabilidade e prevenção de duplicação de esforços na investigação científica. A decisão de não proceder ao registo prendeu-se com as restrições da referida plataforma, que aceita prioritariamente revisões com implicações diretas para a saúde humana, especialmente em contextos clínicos. Considerando o foco eminentemente psicossocial e educativo deste estudo, o registo revelou-se incompatível com os critérios do PROSPERO. Ainda assim, assegurou-se o cumprimento rigoroso de todas as etapas metodológicas, com vista a garantir a máxima fiabilidade, clareza e reprodutibilidade dos procedimentos adotados.

Resultados

O número final de artigos incluídos na revisão foi de 20. O processo de identificação, triagem, elegibilidade e inclusão dos estudos está sintetizado no fluxograma PRISMA-ScR 2020 (Figura 1).

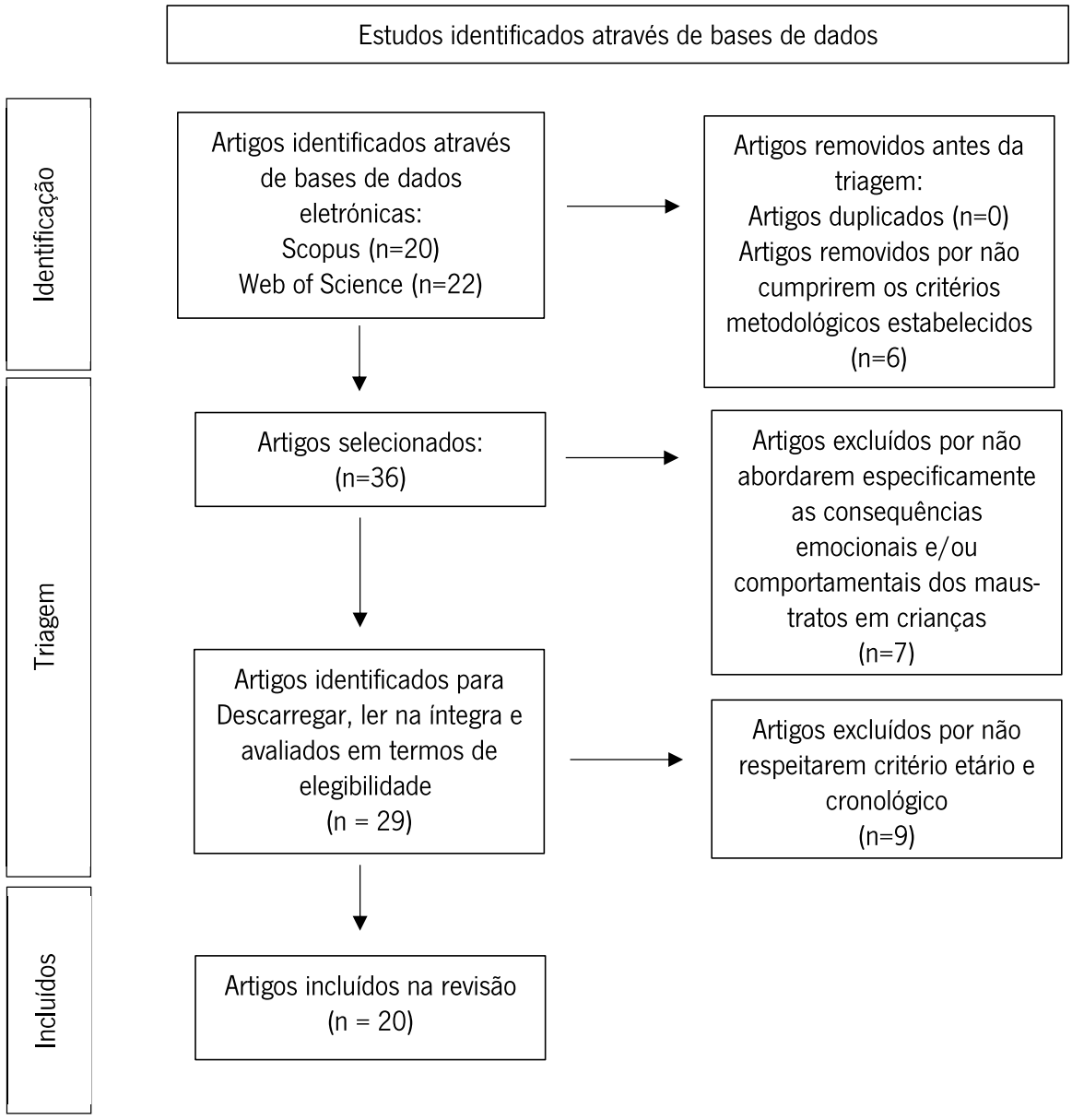


Figura 1. *Fluxograma do processo de revisão*

Nota: Adaptado de The PRISMA 2020 statement: An updated guideline for reporting systematic reviews, por Page et al., 2021, *Journal of Clinical Epidemiology, 134*, 178–189 (https://doi.org/10.1016/j.jclinepi.2021.03.001). Copyright 2021, Elsevier. Reimpresso com permissão.

Característica dos Estudos

A Tabela 2 mostra os resultados dos 20 artigos selecionado para a revisão.

Tabela 2. *Caracterização descritiva dos estudos incluídos na revisão sistemática (n = 20)*

Autor(es) e Ano	Tipo de Abuso	Género	Faixa Etária	Consequências Identificadas
Juen et al. (2024)	Físico, Emocional, Sexual, Negligência	Ambos	6-14 anos	Ansiedade, depressão, transtornos comportamentais
Qirjako et al. (2024)	Físico, Emocional, Negligência	Ambos	10-14 anos	Ansiedade, depressão
Seppälä et al. (2024)	Físico	Ambos	8-14 anos	Impulsividade, desregulação emocional, ansiedade
Kim et al. (2023)	Emocional	Ambos	6-13 anos	Défice emocional, ansiedade
Meller et al. (2016)	Emocional	Ambos	7-14 anos	Ansiedade, depressão
O'Hara et al. (2015)	Negligência	Ambos	10-14 anos	Depressão, isolamento social, dificuldades de vinculação ou insegurança emocional
Debowska et al. (2018)	Físico, Emocional, Sexual	Ambos	11-14 anos	Depressão, agressividade, dificuldades comportamentais, impulsividade
Musetti et al. (2021)	Emocional, Negligência	Ambos	11-14 anos	Perda de empatia, agressividade, dificuldades de vinculação emocional
Maikovich-Fong & Jaffee (2010)	Sexual	Ambos	10–14 anos	Ansiedade, depressão

Cecil et al. (2017)	Físico, Emocional, Sexual, Negligência	Ambos	5-14 anos	Perturbações emocionais
de Moraes et al. (2017)	Negligência	Ambos	6-12 anos	Isolamento social, ansiedade
Felt et al. (2024)	Emocional, Negligência	Ambos	12–14 anos	Isolamento social, distanciamento parental, baixa autoestima
Hébert et al. (2021)	Sexual	Feminino	11–14 anos	Depressão, isolamento social
Didier et al. (2024)	Físico, Emocional, Negligência	Ambos	9-14 anos	Défices cognitivos, depressão, agressividade
Wen et al. (2019)	Físico, Emocional, Negligência	Ambos	7-13 anos	Impulsividade, agressividade
Witt et al. (2017)	Físico, Emocional, Sexual, Negligência	Ambos	5-14 anos	Agressividade
Jin et al. (2021)	Emocional, Físico, Sexual	Ambos	8–14 anos	Agressividade, dificuldades emocionais
Humphrey set al. (2020)	Físico, Emocional, Sexual	Ambos	6-14 anos	Perturbações emocionais, ansiedade, depressão
Chris et al. (2019)	Emocional	Ambos	9-13 anos	Perturbações emocionais, ansiedade
Min et al. (2013)	Emocional, Negligência	Ambos	7-14 anos	Ansiedade, depressão, baixa autoestima

População e Faixa Etária das Crianças Vítimas de Maus-Tratos

Dos 20 estudos incluídos na análise final, a maioria (n = 18) centrou-se em crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 14 anos. Apenas dois estudos incluíram crianças a partir dos 5 anos, sem exclusão da faixa 6-14 anos, não havendo nenhum estudo que abordasse especificamente crianças em idade pré-escolar (inferior a 6 anos). Em termos de distribuição etária, observou-se uma predominância da faixa entre os 10 e os 14 anos, sobretudo em contextos escolares ou comunitários, período em que os comportamentos externalizantes e os indicadores de sofrimento emocional se tornam mais evidentes (Gilbert et al., 2009; Lansford et al., 2006). A inclusão de crianças mais novas (0–6 anos) está ausente nesta amostra, mas é referida na literatura como relevante para estudos focados no impacto precoce da negligência ou do abuso físico na vinculação, regulação emocional e desenvolvimento neuropsicológico (Cicchetti & Toth, 2016; Fonagy & Target, 2002).

A maioria dos estudos analisados investigou populações mistas, incluindo ambos os sexos. Contudo, apenas alguns estudos (n = 5) identificaram diferenças de género significativas nos efeitos dos maus-tratos, destacando-se o aumento de sintomas internalizantes nas raparigas, como depressão, isolamento social e ansiedade, e uma maior prevalência de comportamentos externalizantes nos rapazes, tais como agressividade, impulsividade e oposição (Norman et al., 2012; Bérubé et al., 2017). Esta distinção reforça a importância da análise interseccional das variáveis género e idade para uma compreensão mais aprofundada dos padrões diferenciados de impacto dos maus-tratos.

Tipologia dos Maus-Tratos e Contextos de Ocorrência

Relativamente à natureza dos maus-tratos analisados, os dados revelam uma prevalência do abuso emocional, seguido da negligência, do abuso físico e do abuso sexual. É de salientar que a maioria dos estudos abordou múltiplas formas de vitimação, sendo recorrente a coocorrência entre abuso emocional e negligência, combinação frequentemente associada a consequências mais gravosas no desenvolvimento emocional e comportamental das crianças (Norman et al., 2012; Mathews et al., 2020).

O abuso emocional surgiu associado, de forma consistente, a sintomatologia ansiosa, baixa autoestima, dificuldades na autorregulação emocional e comportamentos de isolamento. Já o

abuso físico esteve predominantemente relacionado com padrões de agressividade, impulsividade e perturbações de conduta (Cicchetti & Toth, 2016; Lansford et al., 2006).

Embora nem todos os estudos especifiquem de forma explícita o contexto de ocorrência dos maus-tratos, a literatura aponta para a família como o principal cenário onde estes tendem a ocorrer de forma continuada. Alguns estudos referem ainda contextos institucionais (como lares de acolhimento ou centros residenciais) e escolares, tanto enquanto espaços onde os maus-tratos podem acontecer (por exemplo, negligência institucional ou bullying), como também enquanto contextos fundamentais para a deteção precoce e sinalização de situações de risco (Fonagy & Target, 2002; Bérubé et al., 2017; Mathews et al., 2020).

Principais Consequências Emocionais e Comportamentais

As consequências emocionais mais frequentemente identificadas nos estudos analisados incluem sintomas de ansiedade, depressão, isolamento social, dificuldades emocionais inespecíficas e baixa autoestima. Estes indicadores tendem a manifestar-se com maior intensidade em situações de abuso emocional e episódios prolongados de negligência, sendo também recorrentes em contextos de vitimação sexual, particularmente entre raparigas (Hébert et al., 2021; Maikovich-Fong & Jaffee, 2010; Kim et al., 2023). Dificuldades de vinculação afetiva, défices de empatia e distanciamento emocional surgem, igualmente, como repercussões significativas ao nível das competências relacionais e da regulação emocional.

No domínio comportamental, destacam-se com particular incidência a agressividade, a impulsividade, as perturbações de comportamento e atitudes de oposição ou desafio à autoridade. Estas manifestações comportamentais revelam-se sobretudo associadas a experiências de abuso físico e negligência, frequentemente acompanhadas por défices cognitivos e dificuldades de adaptação escolar (Didier et al., 2024; Wen et al., 2019; Musetti et al., 2021). A negligência, em específico, emerge como um fator de risco relevante para o desenvolvimento de isolamento social, baixa autoestima e comprometimento nas competências interpessoais e académicas.

A análise articulada entre a tipologia do abuso, o género e a faixa etária revela padrões diferenciados de impacto: os efeitos emocionais mostram-se particularmente marcantes em raparigas expostas precocemente a maus-tratos de natureza emocional ou sexual, enquanto os efeitos comportamentais tendem a manifestar-se com maior frequência em rapazes vítimas de abuso físico e negligência, sobretudo na fase de transição para a adolescência (Norman et al., 2012; Jin et al., 2021; Debowska et al., 2018). Estes dados sublinham a necessidade imperiosa

de conceber e implementar respostas interventivas diferenciadas, sensíveis às especificidades e vulnerabilidades de cada perfil de vítima.

Avaliação da Qualidade Metodológica dos Estudos

A aplicação do Mixed Methods Appraisal Tool (MMAT) permitiu aferir a qualidade metodológica dos estudos incluídos, com base em cinco critérios específicos, ajustados ao tipo de delineamento metodológico – qualitativo, quantitativo descritivo, quantitativo não aleatorizado, ensaio clínico aleatorizado ou métodos mistos – complementados por duas questões de triagem comuns a todos os estudos. Para cada critério, foi atribuída uma das seguintes classificações: "Sim", "Não" ou "Não sei dizer", sendo posteriormente calculado um índice global de qualidade, expresso em percentagem de critérios cumpridos.

Dos 20 estudos incluídos na revisão, 11 (55%) obtiveram a pontuação máxima (100% – *****), denotando elevada qualidade metodológica e reduzido risco de viés. Estes estudos caracterizaram-se por uma formulação clara dos objetivos, adequação da amostragem, coerência entre os métodos utilizados e uma análise rigorosa e transparente dos dados. Outros sete estudos (35%) cumpriram 80% dos critérios (****), apresentando limitações metodológicas moderadas, designadamente a ausência de informação detalhada quanto aos procedimentos de recolha e análise dos dados ou a utilização de instrumentos cuja validação não foi devidamente especificada. Dois estudos (10%) revelaram qualidade metodológica moderada a baixa (60% – **), evidenciando fragilidades significativas, nomeadamente amostras pouco representativas, insuficiente justificação metodológica ou deficiente descrição dos resultados. Apesar das limitações observadas, nenhum estudo foi excluído da análise, atendendo ao seu contributo para os objetivos definidos nesta revisão. Entre os principais fatores que comprometeram a qualidade metodológica dos estudos com classificação inferior, destacam-se a ausência de fundamentação quanto à estratégia de amostragem, o recurso a instrumentos não validados ou pouco descritos, a escassa clareza nos procedimentos de análise de dados – particularmente em investigações qualitativas – e a inexistência de seguimento em estudos longitudinais, dificultando a compreensão da evolução dos efeitos ao longo do tempo.

No que respeita aos estudos de métodos mistos, observou-se maior variabilidade na qualidade, sobretudo no que diz respeito à articulação entre os dados qualitativos e quantitativos. Em alguns casos, os autores não explicitaram adequadamente a forma como integraram os resultados obtidos nas diferentes abordagens, comprometendo a coesão e a solidez interpretativa do estudo.

Ainda assim, a maioria dos trabalhos (n = 18) foi considerada de qualidade metodológica moderada a elevada, proporcionando uma base empírica consistente para a análise crítica das consequências emocionais e comportamentais dos maus-tratos em crianças. Esta avaliação constituiu, assim, um elemento fundamental para a credibilização dos resultados e para a valorização dos estudos metodologicamente mais robustos.

Tabela 2. *Tipo de estudo, qualidade metodológica e nota atribuída aos estudos incluídos*

Autor(es) e Ano	Tipo de Estudo	Qualidade (%)	Índice de Qualidade
Juen et al. (2024)	Quantitativo	100	*****
Qirjako et al. (2024)	Quantitativo	100	*****
Seppälä et al. (2024)	Quantitativo	80	****
Kim et al. (2023)	Quantitativo	100	*****
Meller et al. (2016)	Quantitativo	80	****
O'Hara et al. (2015)	Quantitativo	60	***
Debowska et al. (2018)	Quantitativo	80	****
Musetti et al. (2021)	Quantitativo	100	*****
Maikovich-Fong & Jaffee (2010)	Quantitativo	80	****
Cecil et al. (2017)	Quantitativo	100	*****
de Moraes et al. (2017)	Quantitativo	100	*****
Felt et al. (2024)	Quantitativo	100	*****
Hébert et al. (2021)	Quantitativo	60	***
Didier et al. (2024)	Misto	80	****
Wen et al. (2019)	Quantitativo	80	****
Witt et al. (2017)	Quantitativo	100	*****
Jin et al. (2021)	Quantitativo	100	*****
Humphrey set al. (2020)	Quantitativo	100	*****
Chris et al. (2019)	Quantitativo	100	*****
Min et al. (2013)	Quantitativo	80	****

Nota: Atribuição qualitativa baseada na percentagem de critérios metodológicos cumpridos: * = Muito baixa | ** = Limitada | *** = Razoável | **** = Adequada | ***** = Elevada qualidade metodológica.

Discussão

A presente revisão sistemática, que integrou 20 estudos empíricos, permitiu explorar de forma abrangente as consequências emocionais e comportamentais dos maus-tratos em crianças com menos de 15 anos, considerando as variáveis de género, faixa etária e contexto de ocorrência. Apesar de se observarem tendências recorrentes nos resultados, a análise crítica das fontes evidencia disparidades relevantes, tanto ao nível metodológico como nos próprios achados empíricos, as quais condicionam a robustez das conclusões e a sua generalização.

No que respeita ao género, embora a maioria dos estudos (14 em 20) tenha identificado padrões diferenciados — com raparigas a manifestarem mais sintomas internalizantes (ansiedade, depressão) e rapazes a apresentarem maior prevalência de comportamentos externalizantes (agressividade, impulsividade) — é notória a ausência de consensualidade. Seis estudos não encontraram diferenças estatisticamente significativas entre sexos, e outros quatro apresentaram resultados contraditórios, com manifestações emocionais e comportamentais que não se alinhavam com os padrões esperados (Maikovich-Fong & Jaffee, 2010; Christ et al., 2019). Estas discrepâncias poderão dever-se a fatores contextuais, culturais ou metodológicos, como o enquadramento social dos participantes, a diversidade das amostras ou a utilização de instrumentos distintos. Tais incongruências sublinham a necessidade de superar explicações dicotómicas, adotando modelos teóricos mais complexos e interseccionais que considerem, para além do género, outras variáveis como a identidade de género, a exposição cumulativa a adversidades e o suporte ambiental disponível.

Quanto à faixa etária, os dados convergem em reconhecer a infância precoce — sobretudo antes dos seis anos — como um período crítico, durante o qual os maus-tratos têm efeitos particularmente profundos no desenvolvimento afetivo, neurobiológico e relacional (Musetti et al., 2020; Shonkoff & Garner, 2012). No entanto, importa destacar que 20 dos 24 estudos incluídos apresentam delineamentos transversais, limitando substancialmente a capacidade de inferir relações causais ou de mapear a evolução longitudinal dos sintomas. A ausência de estudos longitudinais representa uma limitação séria, dado que não permite identificar, com rigor, as trajetórias de vulnerabilidade e resiliência ao longo do tempo, nem compreender de forma integrada o impacto cumulativo de experiências adversas na infância. Além disso, poucas investigações exploram a interação entre idade de exposição e outros fatores mediadores (e.g., suporte familiar, experiências educativas), o que fragiliza a compreensão do fenómeno na sua complexidade.

No que diz respeito ao contexto de ocorrência, os dados analisados indicam que a maioria dos maus-tratos ocorre no seio familiar (14 dos 20 estudos), reforçando o papel central das relações parentais enquanto fatores de risco ou proteção (Downey & Crummy, 2020). Apesar disso, observa-se uma subexploração de outros contextos significativos, como o escolar e o institucional, que desempenham um papel crucial na deteção precoce de sinais de vitimação e no encaminhamento para apoios especializados (Cecil et al., 2017). A escassez de estudos centrados nestes ambientes constitui uma lacuna relevante, dificultando o desenvolvimento de estratégias de intervenção mais abrangentes e ecossistémicas.

Do ponto de vista metodológico, diversos estudos apresentam limitações recorrentes que colocam em causa a fiabilidade dos resultados. A ausência de definições operacionais claras sobre o que constitui "maus-tratos", a utilização de instrumentos não validados, a falta de descrição detalhada dos procedimentos e a escassa justificação das estratégias de amostragem são aspetos frequentes. Adicionalmente, o recurso predominante a relatos autorreferidos, muitas vezes recolhidos junto das próprias crianças, levanta questões éticas e metodológicas associadas ao viés de memória, desejabilidade social e interpretação subjetiva da experiência (Anda et al., 2006). Poucos estudos recorrem à triangulação de fontes ou a metodologias mistas, o que limita a profundidade e credibilidade das análises. Estes aspetos foram também evidenciados pela aplicação da ferramenta MMAT, que revelou fragilidades na clareza metodológica e no controlo de viés em vários estudos.

Apesar destas limitações, verifica-se um consenso quanto ao impacto adverso dos maus-tratos no funcionamento emocional e comportamental da criança. No entanto, a heterogeneidade dos desenhos de estudo, a variação nos critérios de inclusão e a diversidade nos contextos socioculturais das amostras analisadas tornam difícil a comparação direta entre estudos e a formulação de conclusões universalmente válidas. A coerência entre estudos revela-se, assim, parcial e muitas vezes dependente de variáveis contextuais pouco controladas ou não suficientemente discutidas pelos autores.

Em síntese, os resultados desta revisão sistemática reiteram a importância dos maus-tratos enquanto fator de risco significativo para o desenvolvimento infantil, mas também revelam lacunas importantes na literatura, que comprometem a generalização e aplicabilidade das conclusões. A complexidade das interações entre género, idade e contexto exige abordagens metodológicas mais rigorosas, incluindo estudos longitudinais, instrumentos padronizados e validados, amostras representativas e triangulação de dados, que permitam clarificar os mecanismos de impacto,

identificar fatores de proteção e orientar intervenções mais eficazes e ajustadas às realidades vividas pelas crianças em diferentes contextos.

Conclusão

As conclusões desta revisão sistemática reforçam a complexidade, transversalidade e gravidade dos impactos emocionais e comportamentais dos maus-tratos infantis. Os dados analisados comprovam que não existe uma resposta única às experiências de abuso, mas sim um conjunto de reações diferenciadas, influenciadas por fatores como o tipo de maus-tratos, o género da criança, a idade em que estes ocorreram e o contexto relacional em que se inseriram.

As crianças vítimas de maus-tratos, independentemente da forma de abuso, revelam maior vulnerabilidade para o desenvolvimento de perturbações emocionais e comportamentais, com consequências que podem perdurar por toda a vida. As manifestações observadas vão desde quadros de depressão, ansiedade e baixa autoestima até comportamentos agressivos, perturbações da conduta e dificuldades na regulação emocional. A constatação de que estas respostas variam segundo o género — com as raparigas a evidenciarem reações internalizantes e os rapazes externalizantes — destaca a importância de intervenções sensíveis à especificidade de género.

Do mesmo modo, a idade da criança no momento do abuso surge como uma variável determinante, dado que experiências traumáticas precoces têm maior probabilidade de interferir nos processos de vinculação, estruturação da identidade e desenvolvimento neurológico. A centralidade do contexto familiar como cenário dominante dos maus-tratos sublinha a urgência de ações preventivas e reparadoras junto das famílias, muitas vezes marcadas por ciclos intergeracionais de violência, pobreza ou disfunção emocional.

A escassez de estudos longitudinais, bem como a ausência de uma caracterização mais fina dos contextos de ocorrência e da gravidade dos maus-tratos, limita a possibilidade de generalização dos resultados e evidencia uma lacuna na produção científica que deverá ser colmatada. Por outro lado, a falta de sistematização na apresentação metodológica dos estudos compromete, em alguns casos, a replicabilidade e a extrapolação dos dados para outras realidades socioculturais. Assim, destaca-se a necessidade de políticas públicas e práticas de intervenção integradas, baseadas em evidência, que reconheçam a multicausalidade dos maus-tratos infantis e que promovam respostas coordenadas entre os setores da saúde, educação, proteção social e

justiça. É imperativo reforçar o investimento na formação de profissionais, na literacia emocional das famílias, e na criação de ambientes seguros e protetores para todas as crianças.

Por fim, recomenda-se que futuras investigações adotem metodologias mistas, com enfoque longitudinal e centradas na criança, permitindo mapear não apenas os efeitos imediatos dos maus-tratos, mas também os seus desdobramentos ao longo do ciclo de vida. Compreender para intervir continua a ser a premissa central para romper com o ciclo de violência e promover o bem-estar e a dignidade das crianças enquanto sujeitos de direitos.

Referências

Afifi, T. O., Ford, D., Gershoff, E. T., Merrick, M., Grogan-Kaylor, A., Ports, K. A., & MacMillan, H. L. (2017). Spanking and adult mental health impairment: The case for the designation of spanking as an adverse childhood experience. *Child Abuse & Neglect, 71*, 24–31. https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2017.01.014

Ahlgren, T., Kalin, T., & Gerdner, A. (2021). Self-rated child maltreatment, behavioural problems, and contacts with welfare and police authorities–longitudinal community data. *European Journal of Social Work, 24*(4), 642–656. https://doi.org/10.1080/13691457.2021.1896996

Briere, J., & Jordan, C. E. (2009). Childhood maltreatment, intervening variables, and adult psychological difficulties in women: An overview. *Trauma, Violence, & Abuse, 10*(4), 375–388. https://doi.org/10.1177/1524838009339757

Cecil, C. A., Viding, E., Fearon, P., Glaser, D., & McCrory, E. J. (2017). Disentangling the mental health impact of childhood abuse and neglect. *Child Abuse & Neglect, 63*, 106–119. https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2016.11.024

Cheng, P., & Langevin, R. (2022). Unpacking the Effects of Child Maltreatment Subtypes on Emotional Competence in Emerging Adults. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy, 15*, 102–111. https://doi.org/10.1037/tra0001322

Christ, C., De Waal, M. M., Dekker, J. J., van Kuijk, I., Van Schaik, D. J., Kikkert, M. J., ... & Messman-Moore, T. L. (2019). Linking childhood emotional abuse and depressive symptoms: The role of emotion dysregulation and interpersonal problems. *PLOS ONE, 14(2)*, e0211882. https://doi.org/10.1371/journal.pone.0211882

Clemens, V., Wernecke, D., Fegert, J. M., Genuneit, J., Rothenbacher, D., & Braig, S. (2025). Maternal child maltreatment and trajectories of offspring behavioural and emotional difficulties from age 4 to 7 years – results from a prospective birth cohort study. *European Child and Adolescent Psychiatry, 34(3)*, 1039–1050. https://doi.org/10.1007/s00787-024-02534-3

Cox, S., Parkinson, S., Herbert, J., Tucker, E., Octoman, O., & Bromfield, L. (2025). Trauma-focused cognitive behavioral therapy for children and young people who have experienced forms of child maltreatment other than child sexual abuse: A review of the evidence. *Children and Youth Services Review, 170*, 108159. https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2025.108159

de Moraes, C. L., Sampaio, P. F., Reichenheim, M. E., & da Veiga, G. V. (2018). The intertwined effect of lack of emotional warmth and child abuse and neglect on common mental disorders in adolescence. *Child Abuse & Neglect, 83*, 74–82. https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2018.06.010

Debowska, A., Boduszek, D., Sherretts, N., Willmott, D., & Jones, A. D. (2018). Profiles and behavioral consequences of child abuse among adolescent girls and boys from Barbados and Grenada. *Child Abuse & Neglect, 79*, 245–258. https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2018.02.008

Didier, O., Terradas, M. M., Guillemette, R., & Rengel, A. C. (2024). Représentations d'attachement, traits de personnalité limite en émergence et comportements extériorisés d'enfants maltraités et issus de la population générale. *European Journal of Trauma & Dissociation, 8(4)*, 100472. https://doi.org/10.1016/j.ejtd.2024.100472

Felt, J. M., Chimed-Ochir, U., Shores, K. A., Olson, A. E., Li, Y., Fisher, Z. F., ... & Shenk, C. E. (2024). Contamination bias in the estimation of child maltreatment causal effects on adolescent internalizing and externalizing behavior problems. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 65(11)*, 1419–1428. https://doi.org/10.1111/jcpp.13893

Gilbert, R., Widom, C. S., Browne, K., Fergusson, D., Webb, E., & Janson, S. (2009). Burden and consequences of child maltreatment in high-income countries. *The Lancet, 373(9657)*, 68–81. https://doi.org/10.1016/S0140-6736(08)61706-7

Hébert, M., Smith, K., Caouette, J., Cénat, J. M., Karray, A., Cartierre, N., ... & Derivois, D. (2021). Prevalence and associated mental health outcomes of child sexual abuse in youth in France: Observations from a convenience sample. *Journal of Affective Disorders, 282*, 820–828. https://doi.org/10.1016/j.jad.2020.12.184

Humphreys, K. L., LeMoult, J., Wear, J. G., Piersiak, H. A., Lee, A., & Gotlib, I. H. (2020). Child maltreatment and depression: A meta-analysis of studies using the Childhood Trauma Questionnaire. *Child Abuse & Neglect, 102*, 104361. https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2020.104361

Jablonka, O., Coble, C., & Palusci, V. J. (2022). Recognizing and treating the emotional and behavioral effects of child maltreatment. In Behavioral Pediatrics: *Mental Health and Management* (5th ed., pp. 33–59). Nova Science Publishers, Inc.

Jaffee, S. R. (2017). Child maltreatment and risk for psychopathology in childhood and adulthood. *Annual Review of Clinical Psychology, 13*, 525–551. https://doi.org/10.1146/annurev-clinpsy-032816-045005

Jin, M., Wang, Q., Xu, X., & Zhong, J. (2021). Emotional, physical, and sexual child abuse in China: Prevalence and psychological consequence. *Psychology, 12(8)*, 1325–1340. https://doi.org/10.4236/psych.2021.128082

Juen, F., Hecker, T., Hermenau, K., Teicher, M. H., Mikinga, G., Nkuba, M., Masath, F. B., & Schalinski, I. (2024). Child maltreatment in a high adversity context: Associations of age, type and timing of exposure with psychopathology in middle childhood. *Child Abuse & Neglect, 157*, 107060. https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2023.107060

Kim, S. G., Weissman, D. G., Sheridan, M. A., & McLaughlin, K. A. (2023). Child abuse and automatic emotion regulation in children and adolescents. *Development and Psychopathology*. Advance online publication. https://doi.org/10.1017/S0954579423000037

Leadbeater, B. J., Kuperminc, G. P., Blatt, S. J., & Hertzog, C. (1999). A multivariate model of gender differences in adolescents' internalizing and externalizing problems. *Developmental Psychology, 35(5)*, 1268–1282. https://doi.org/10.1037/0012-1649.35.5.1268

Maikovich-Fong, A. K., & Jaffee, S. R. (2010). Sex differences in childhood sexual abuse characteristics and victims' emotional and behavioral problems: Findings from a national sample of youth. *Child Abuse & Neglect, 34(6)*, 429–437. https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2009.10.003

Malthaner, L. Q., McLeigh, J. D., Knell, G., Jetelina, K. K., Atem, F., & Messiah, S. E. (2024). Child maltreatment and behavioral health outcomes in child welfare: Exploring the roles of severity and polyvictimization. *Child Abuse and Neglect, 156*, 106998. https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2024.106998

Masten, A. S., & Barnes, A. J. (2018). Resilience in children: Developmental perspectives. *Children, 5(7)*, 98. https://doi.org/10.3390/children5070098

McCrory, E., De Brito, S. A., & Viding, E. (2010). Research review: The neurobiology and genetics of maltreatment and adversity. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 51(10)*, 1079–1095. https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2010.02271.x

McLaughlin, K. A., Sheridan, M. A., & Lambert, H. K. (2014). Childhood adversity and neural development: Deprivation and threat as distinct dimensions of early experience. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews, 47*, 578–591. https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2014.10.012

Meller, S., Kuperman, K. L., McCullough, C., & Shaffer, A. (2016). Adverse effects of childhood emotional maltreatment on child behavioral outcomes. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma, 25(2)*, 127–144. https://doi.org/10.1080/10926771.2015.1079285

Min, M. O., Minnes, S., Kim, H., & Singer, L. T. (2013). Pathways linking childhood maltreatment and adult physical health. *Child Abuse & Neglect, 37(6)*, 361–373. https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2012.09.007

Musetti, A., Grazia, V., Manari, T., Terrone, G., & Corsano, P. (2021). Linking childhood emotional neglect to adolescents' parent-related loneliness: Self-other differentiation and emotional detachment from parents as mediators. *Child Abuse & Neglect, 122*, 105338. https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2021.105338

Norman, R. E., Byambaa, M., De, R., Butchart, A., Scott, J., & Vos, T. (2012). The long-term health consequences of child physical abuse, emotional abuse, and neglect: A systematic review and meta-analysis. *PLoS Medicine, 9(11)*, e1001349. https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1001349

O'Hara, M., Legano, L., Homel, P., Walker-Descartes, I., Rojas, M., & Laraque, D. (2015). Children neglected: Where cumulative risk theory fails. *Child Abuse & Neglect, 45*, 1–8. https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2015.04.001

Ortiz-Jiménez, E. M., Butjosa, A., Gómez-Benito, J., & Ochoa, S. (2024). Emotional awareness, child maltreatment and child exposed to intimate partner violence: A systematic review of their relationship with symptoms and protective factors. *Child Abuse Review, 33(6)*, e2907. https://doi.org/10.1002/car.2907

Pei, F., Yoon, S., Maguire-Jack, K., & Lee, M. Y. (2022). Neighborhood influences on early childhood behavioral problems: Child maltreatment as a mediator. *Child Abuse and Neglect, 123*, 105391. https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2021.105391

Qirjako, G., Qosja, A., Çumashi, R., Kuneshka, L., & Burazeri, G. (2024). Abuse and neglect correlates of poor mental health among 15-year-old schoolchildren in a southeast European country. *Child Abuse & Neglect, 157*, 107081. https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2023.107081

Rosenthal, A., & Ben-Arieh, A. (2022). Rethinking Child Maltreatment: Children's Perceptions of Physical and Emotional Maltreatment—Initial Findings. *International Journal on Child Maltreatment: Research, Policy and Practice, 5(2)*, 215–229. https://doi.org/10.1007/s42448-021-00108-3

Seppälä, P., Pfeifer, M., & Toikko, T. (2024). Child maltreatment and self-rated health: Mediating effect of parent–child conversation and moderating effect of gender. *Social Work in Public Health, 39(8)*, 854–869. https://doi.org/10.1080/19371918.2024.2341150

Stoltenborgh, M., Bakermans-Kranenburg, M. J., Alink, L. R., & van IJzendoorn, M. H. (2015). The prevalence of child maltreatment across the globe: Review of a series of meta-analyses. *Child Abuse Review, 24(1)*, 37–50. https://doi.org/10.1002/car.2353

Teicher, M. H., & Samson, J. A. (2016). Annual research review: Enduring neurobiological effects of childhood abuse and neglect. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 57(3)*, 241–266. https://doi.org/10.1111/jcpp.12507

Van der Kolk, B. A. (2014). *The body keeps the score: Brain, mind, and body in the healing of trauma*. Viking.

Wen, Y. J., Li, X. B., Zhao, X. X., Wang, X. Q., Hou, W. P., Bo, Q. J., ... & Wang, C. Y. (2019). The effect of left-behind phenomenon and physical neglect on behavioral problems of children. *Child Abuse & Neglect, 88*, 144–151. https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2018.11.002

WHO. (2020). *Child maltreatment*. World Health Organization. https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/child-maltreatment

Wiseman, H., Hamilton-Giachritsis, C., & Hiller, R. M. (2021). The Relevance of Cognitive Behavioral Models of Post-Traumatic Stress Following Child Maltreatment: A Systematic Review. *Trauma, Violence, & Abuse, 22(1)*, 191–206. https://doi.org/10.1177/1524838019827894

Witt, A., Brown, R. C., Plener, P. L., Brähler, E., & Fegert, J. M. (2017). Child maltreatment in Germany: Prevalence rates in the general population. *Child and Adolescent Psychiatry and Mental Health, 11(1)*, 47. https://doi.org/10.1186/s13034-017-0185-1

Zahn-Waxler, C., Shirtcliff, E. A., & Marceau, K. (2008). Disorders of childhood and adolescence: Gender and psychopathology. *Annual Review of Clinical Psychology, 4*, 275–303. https://doi.org/10.1146/annurev.clinpsy.3.022806.091358